



José Carlos Marques

Recebido: 23 Junho 2023

Aceito: 17 Setembro 2023

Publicado: 31 Dezembro 2023

A final da Copa do Mundo FIFA 2022 no Catar e suas representações em jornais da Argentina, França e Brasil ¹

Resumo

Este trabalho busca analisar as formações discursivas, conforme definição de Michel Foucault (2004) na obra “A Arqueologia do Saber” (lançada em 1969), produzidas pelo jornalismo impresso sobre a final da Copa do Mundo de futebol de 2022 no Catar. Nosso corpus de pesquisa são jornais franceses, argentinos e brasileiros de maior tiragem em seus países, nas edições de 18/12/22 (dia da final da Copa) e de 19/12/22 (dia seguinte). Pretendemos compreender o funcionamento discursivo das capas dos jornais e as relações de sentido, historicidade e materialidade em torno dos nacionalismos na oposição Europa-América do Sul.

Palavras-chave: Copa do Mundo FIFA; jornalismo impresso; nacionalismo.

The 2022 FIFA World Cup Final in Qatar and its representations in newspapers in Argentina, France and Brazil

Abstract

This work seeks to analyze the discursive formations, as defined by Michel Foucault (2004) in the book “The Archeology of Knowledge” (launched in 1969), produced by print journalism about the 2022 World Cup final in Qatar. Our research corpus are French, Argentinean and Brazilian newspapers with the largest circulation in their countries, in the editions of 12/18/22 (day of the World Cup final) and 12/19/22 (next day). We intend to understand the discursive functioning of newspaper covers and the relationships of meaning, historicity and materiality around the nationalisms of the Europe-South America opposition.

Keywords: FIFA World cup; newspaper; nationalism.

Introdução

Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo que busca analisar quais formações discursivas, conforme definição de Michel Foucault (2004) na obra “A Arqueologia do Saber” (lançada em 1969), estiveram presentes no jornalismo impresso a respeito das três últimas Copas do Mundo FIFA. Neste artigo, trataremos apenas da final do Mundial de 2022 no Catar, realizada no dia 18 de dezembro de 2022 entre as seleções da França e Argentina. Por isso, centraremos nosso

¹ Este trabalho deriva de pesquisa financiada pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

corpus de pesquisa em jornais franceses, argentinos e brasileiros de maior tiragem e representatividade em seus países.

Assim, pretendemos compreender o funcionamento discursivo destas capas e perceber as relações de sentido, historicidade e materialidade em torno das noções de nacionalidade na oposição Europa x América do Sul. Em suma pretendemos verificar as reações à final da Copa do Mundo da FIFA Catar 2022 entre França e Argentina, ou seja, quais as expectativas estavam presentes nos jornais no dia da final e que formações discursivas referentes ao nacionalismo estiveram presentes nesse dia e no dia seguinte. Por outro lado, no caso do jornalismo brasileiro, queremos perceber se as formações discursivas tendiam para uma maior simpatia ao eterno rival sul-americano (a Argentina) ou para o rival europeu (a França).

Partimos ainda do pressuposto de que as primeiras páginas dos jornais impressos carregam formulações argumentativas e efeitos de sentido que se constroem por meio da relação entre o discurso verbal (manchete, título, legenda) e o discurso visual (fotografias, ilustrações) na perspectiva da leitura de interlocutores.

Métodos e Referencial Teórico

Ao todo, analisamos 16 jornais e suas edições de 18/12/22 (dia da final da Copa) e de 19/12/22 (um dia após a decisão). Nosso *corpus* de análise é o seguinte:

- Argentina: Clarín, La Nación, Crónica, Olé e Página 12.
- Brasil: Correio Braziliense, Folha S. Paulo, O Estado S. Paulo, O Globo, Zero Hora.
- França: La Croix, L'Équipe, Le Figaro, Le Monde, Libération e Courrier Picard.

Os arquivos foram coletados em portais que organizam de forma pública esse tipo de material (kiosko.net e <https://www.vercapas.com.br/#jornais>).

A noção de “formação discursiva” desenvolvida por Michel Foucault já nos oferece uma forma de tratar o objeto de análise, de sorte que se trata de um conceito epistemológico e ao mesmo tempo metodológico. Para Foucault, os enunciados, mesmo que distintos em sua forma e dispersos no tempo, são capazes de formar “um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”. (Foucault, 2004, p. 36). É a esse conjunto de enunciados, definidos por certas características comuns (sejam elas linguísticas ou temáticas), que chamamos de formação discursiva.

Para melhor compreendermos isto, partimos da ideia de que os discursos, incluindo-se aqui o discurso midiático, fazem uso de certas organizações conceituais, certos agrupamentos de conteúdos (temas) e formas de enunciação, como nos explica Foucault:

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva. (Foucault, 1986, p. 43)

Desse modo, a formação discursiva supõe uma singularidade, possibilitando a passagem da dispersão para a regularidade. A mecânica que estabelece o funcionamento de uma formação discursiva, para Foucault, supõe um sistema de múltipla relação entre objetos, tipos enunciativos e estratégias. Uma formação discursiva, portanto, “determina uma regularidade própria de processos temporais”, uma vez que articula uma série de acontecimentos discursivos com outras séries de acontecimentos, transformações e processos. Para ele, uma formação discursiva

(...) não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára no tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.” Foucault (2009, p. 83).

Foucault entende ainda que uma formação discursiva compreende:

(...) um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (cf. Foucault, 2009, p. 86)

Portanto, as normas que determinam uma formação discursiva constituem-se por meio de um sistema de relações entre conceitos, estratégias e objetos. Composta por esses elementos, ela ultrapassa então a dispersão e ruma em direção a uma certa regularidade.

Cabe referir, entretanto, que também Michel Pêcheux, autor fundante daquilo que se convencionou chamar de Análise de Discurso de linha francesa, estabeleceu uma definição distinta para o conceito de “formação discursiva”. Para uma compreensão mais alargada da hipotética disputa entre Foucault x Pêcheux em torno desta questão, destacamos ao menos quatro artigos, que nos são bastante elucidativos: “Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão”, de Roberto Leiser Baronas (2011); “Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades”, de Maria do Rosário Gregolin (2005); “Uma noção com dois fundadores: formação discursiva”, de Thiago Barbosa Soares (2018); e “O conceito de formação discursiva na análise de discurso: contribuição foucaultiana para a

constituição de um campo interdisciplinar do saber”, de Pedro Farias Francelino (2005). Se na obra foucaultiana o conceito de formação discursiva aparece inicialmente no livro *A arqueologia do saber*, lançado em 1969 – conforme já referido –, em Michel Pêcheux o conceito está presente no artigo “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”, escrito em 1971 em coautoria com Claudine Haroche e Paul Henry.

Neste estudo, optamos por trabalhar inicialmente na esteira da contribuição foucaultiana por entendermos que a tradição historicista seria adequada para o escopo e o propósito que desejamos alcançar. De todo modo, não se pode ignorar a contribuição de Pêcheux, que prefere incluir na análise discursiva as filiações ideológicas de cada discurso. Os linguistas aqui citados, aliás, mostram certo consenso em perceber que a pretensa oposição Foucault x Pêcheux não configura exatamente uma contradição ou uma oposição entre as duas formulações, haja vista o fato de Pêcheux ter revisado sua posição em escritos ulteriores, aproximando-se das postulações foucaultianas (Soares, 2018; Gregolin, 2005).

Resultados e discussões

No dia 18 de dezembro de 2002, data da final da Copa do Mundo de 2022, os jornais franceses mostraram grande expectativa quanto à possibilidade da vitória, enquanto os jornais argentinos expressaram elementos de amor ao país e à nacionalidade. Ambas as seleções contavam com dois títulos cada uma, de sorte que o Mundial do Catar ditaria um novo país tricampeão. Já no dia seguinte ao jogo, os jornais franceses reconheceram o empenho de sua seleção multicultural e miscigenada, enquanto os jornais argentinos reafirmaram o seu amor à Pátria, elegendo Messi como o maior jogador da história. Os jornais brasileiros, embora oscilassem entre um lado e outro da balança, mostravam mais afinidade com o lado colonizado e demonstraram simpatia com o lado argentino, apesar da forte rivalidade entre os dois países. Após a decisão, há um consenso em depositar no jogador Messi os louros e méritos pela vitória.

Começamos nossa análise pelos jornais argentinos publicados em 18 de dezembro de 2022, dia da final da Copa do Catar 2022. Dos veículos selecionados, temos quatro publicações nesta data, a saber: *Olé* (**Figura 1**), *Clarín* (**Figura 2**), *La Nación* (**Figura 3**) e *Crónica* (**Figura 4**). Todos eles destacam a possibilidade de título da Argentina e silenciam o adversário na final: a França não comparece nem no registro imagético, nem no registro verbal dos títulos das capas. A equipe europeia está presente apenas nos textos abaixo das manchetes. O jornal esportivo *Olé*, por sua vez, não faz menção à França em nenhum momento, estampando apenas o troféu ao lado do título “Quiero ganar la tercera, quiero ser campeón mundial” e um emoji que simboliza a reza/oração.



Figura 1. Capa do Olé em 18/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 2. Capa do Clarín em 18/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 3. Capa do La Nación em 18/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 4. Capa do Crónica em 18/12/22
Fonte: Acervo do autor

O Clarín também faz eco a esse desejo particularizado no jornal Olé, mas torna-o coletivo com a manchete: “Messi y la Selección por el sueño de todos”. Os outros dois periódicos, coincidentemente, utilizam a mesma manchete (“Por la gloria”): enquanto o La Nación afirma que “Argentina va por su tercera copa del mundo” (ilustrado por uma fotografia com festejos populares de torcedores no Catar), o Crónica ousa ao exortar “Alentamos todos, ustedes traigan la Copa” (representado pela imagem triunfante do capitão Messi). Percebemos, portanto, duas formações discursivas principais na imprensa argentina: 1) o silenciamento e ocultamento da Seleção Francesa; 2) a expressão de um desejo coletivo em torno da conquista do terceiro título mundial no futebol.

Entre os jornais franceses, dispomos das capas dos jornais L’Équipe (Figura 5), Le Figaro (Figura 6) e Courier Picard (Figura 7). Os dois primeiros compõem uma formação discursiva totalmente distinta da imprensa argentina, ao ilustrar a oposição entre o argentino Messi e o francês Mbappé – os dois maiores astros da Copa do Mundo de 2022. O diário esportivo L’Équipe realizou uma montagem com os dois atletas a beijar o troféu, mais a manchete (“Pour l’éternité” - “Para a eternidade”). O Figaro aproveitou duas fotografias dos dois jogadores, dispostos como se estivessem se entreolhando em campo. O título “Argentine-France: une finale trois étoiles”, ao dizer que o confronto seria uma “final três estrelas”, faz menção ao terceiro título mundial que uma das duas seleções conquistaria naquela data.



Figura 5. Capa do L’Équipe em 18/12/22
 Fonte: Acervo do autor



Figura 6. Capa do Figaro em 18/12/22
 Fonte: Acervo do autor

O Courier Picard, ao contrário, prefere destacar a expectativa face à decisão com a manchete “Tout près du but”, que estabelece uma ambiguidade e pode ser traduzida como “Bem perto do objetivo” ou “Bem perto da meta/gol”. A linha-fina mimetiza o sentimento coletivo da imprensa argentina ao dizer que “Toda a França em (estado de) sonho” diante da possibilidade de conquistar o terceiro título mundial. A fotografia destaca os dois principais jogadores franceses, o já citado Mbappé e Antoine Griezmann.



Figura 7. Capa do Courier Picard em 18/12/22

Fonte: Acervo do autor

Vemos, desta forma, que uma formação discursiva da imprensa francesa aponta para algo já destacado na imprensa argentina, ou seja, a expectativa em torno do triunfo como forma de catarse coletiva de uma nação. Outra formação discursiva, entretanto, estabelece uma disputa entre iguais ao opor Messi x Mbappé e valorizar a alteridade diante da importância dos dois atletas.

A imprensa brasileira repetirá esta formação discursiva em torno da disputa entre os craques da decisão. É o que vemos, de forma unânime, no Correio Braziliense (**Figura 8**), Folha de S. Paulo (**Figura 9**), O Estado de S. Paulo (**Figura 10**) e O Globo (**Figura 11**). Dois deles preferiram ilustrar o confronto por meio de charges (Correio e O Globo); O Estado optou por um recorte com a silhueta dos dois dominado a bola de futebol; e a Folha inovou ao explorar o embate entre Messi e Mbappé retratando tão somente as pernas dos jogadores, induzindo à ideia de movimento de um em direção ao outro. Além disso, os jornais brasileiros também destacarão o “duelo pelo tri”, uma vez que ou Argentina ou França venceria o seu terceiro título mundial no Catar.



Figura 8. Capa do Correio Braziliense em 18/12/22
 Fonte: Acervo do autor



Figura 9. Capa da Folha de S. Paulo em 18/12/22
 Fonte: Acervo do autor



Figura 10. Capa de O Estado de SP em 18/12/22
 Fonte: Acervo do autor



Figura 11. Capa de O Globo em 18/12/22
 Fonte: Acervo do autor

A decisão entre as duas seleções no dia 18/12/22 ofereceu material extremamente rico para os jornais do dia seguinte. O jogo terminou empatado em 3 x 3 (2 x 2 nos 90 minutos e 1 x 1 na prorrogação), o que levou a disputa para uma sempre eletrizante e indefinida decisão por pênaltis. Ao final, a Argentina sagrou-se tricampeã ao vencer por 4 x 2. Mbappé foi o autor dos três gols franceses ao longo da partida; Di María anotou o primeiro gol da Argentina, enquanto Messi marcou os outros dois.

A imprensa argentina, como não poderia deixar de ser, enalteceu o êxtase da vitória e voltou a tornar oculto o adversário da decisão, a França, que não compareceu nem nos registros fotográficos, nem nos textos das manchetes. Dos cinco jornais selecionados, três preferiram destacar o jogador Messi (Olé, Clarín e La Nación, **Figuras 12, 13 e 14**, respectivamente), enquanto que outros dois optaram por mostrar os festejos coletivos da equipe (Crónica e Página 12 – **Figuras 15 e 16**). Outra formação discursiva foi aproximar Lionel Messi do legado de Diego Armando Maradona. É o caso do Olé, que faz um trocadilho entre a palavra Dios (Deus), tal qual Maradona era conhecido, e Lios (diminutivo de Lionel) no título “Lios es argentino”. O Crónica vai na mesma direção ao dizer que a taça do mundo estava agora “En las manos de Dios”².



Figura 12. Capa do Olé em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 13. Capa do Clarín em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor

² Maradona foi o maior nome do futebol argentino do Século XX. Na Copa de 1986, usou a mão para anotar um gol contra a Inglaterra. Ao ser indagado mais tarde sobre o lance, o jogador afirmaria que tinha sido “la mano de Dios”.

Por fim, os jornais exaltaram a figura de Messi (como o Clarín e o “Gracias, Messi”) e também da própria seleção argentina, como o La Nación (“Gloria eterna”) e o Página 12 (ao dizer que o mundo estava a seus pés);



Figura 14. Capa do La Nación em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 15. Capa do Crónica em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 16. Capa do Página 12 em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor

A imprensa francesa, obviamente, não escondeu sua tristeza diante da derrota. O L'Équipe (**Figura 17**) ilustra Mbappé portando nas mãos o troféu de artilheiro da competição, ao lado da taça conquistada pela Argentina. O olhar e o semblante pouco ou nada efusivos dão conta da desilusão, compensada pela manchete “La tête haute” (De cabeça erguida). A tristeza será estampada frontalmente pelo Courrier Picard (**Figura 18**), com o título “La déception au bout du suspense” (A decepção ao fim do suspense) e uma fotografia com a torcida francesa incrédula diante do resultado.



Figura 17. Capa do L'Équipe em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 18. Capa do Courrier Picard em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor

Por outro lado, os jornais franceses não efetuaram o silenciamento da equipe adversária como vimos na imprensa argentina. Três periódicos incluem fotografias com as comemorações de Messi (Libération, **Figura 19**) e dos jogadores sul-americanos (Le Monde e Le Figaro, **Figuras 20** e **21**, respectivamente). Estes três veículos investiram ainda em outra formação discursiva de valorização da final da Copa de 2022, inscrevendo-a como lendária (Le Figaro) e de exceção (Le Monde). O Libération, inclusive, chama de lendários os dois astros da final, Messi e Mbappé, reforçando mais uma vez o não ocultamento do adversário. Por fim, o Le Figaro repete a discursividade do L'Équipe, ao estampar Mbappé cabisbaixo ao lado da taça do mundo mais a frase “La tristesse et le panache” (a tristeza e o brio).



Figura 19. Capa do Libération em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 20. Capa do Le Monde em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor



Figura 21. Capa do Le Figaro em 19/12/22
Fonte: Acervo do autor

Os jornais brasileiros, por sua vez, colocaram em marcha uma formação discursiva exclusiva em torno da conquista da seleção argentina, com fotos da equipe ao lado de Messi (casos de Correio Braziliense, O Estado de S. Paulo e Zero Hora – Figuras 22, 23 e 24). Já a Folha de S. Paulo e O Globo (Figura 25 e 26) preferiram dar o protagonismo visual a Messi, com fotografias em que o astro argentino aparece acariciando e beijando o troféu da Copa do Mundo.



Figura 22. Capa Correio Braziliense em 19/12/22

Fonte: Acervo do autor



Figura 23. Capa de O Estado de SP em 19/12/22

Fonte: Acervo do autor

Mas a formação discursiva textual mais predominante no jornalismo brasileiro foi a de louvar o jogador Messi como o principal responsável e o maior merecedor do título mundial. Em suas manchetes, apenas o Zero Hora opta por coletivizar a conquista, ao dizer que “Argentina é tri”. Os demais são consensuais na construção eufórica do jogador argentino. O Correio Braziliense estampa “A maior glória de Messi”; O Estado crava “Na Copa de Messi, a Argentina é tri”; a Folha diz “Messi ganha a Copa, a Copa ganha Messi”, como se um fosse merecedor do outro (Messi só foi vencer o Mundial em sua quinta participação); e O Globo sintetiza “Messi imortal”.



Figura 24. Capa do Zero Hora em 19/12/22

Fonte: Acervo do autor



Figura 25. Capa da Folha de S. Paulo em 19/12/22

Fonte: Acervo do autor



Figura 26. Capa de O Globo em 19/12/22

Fonte: Acervo do autor

O conceito de formação discursiva aqui empregado dialoga ainda com aquilo que o pensador russo Mikhail Bakhtin (1982) chamava de “tipos relativamente estáveis” do discurso. O uso da linguagem permite, obviamente, o surgimento de infinitas formas discursivas. Entretanto, certos enunciados, apesar de poderem variar no que diz respeito a seu conteúdo e estrutura, manteriam algumas características comuns, ou seja, conservariam o que Bakhtin chama de “tipos relativamente estáveis”. Além disso, a diferença de critérios de noticiabilidade entre as imprensa argentina e francesa remete obviamente à relação que se estabelece entre os jornais e seu público leitor, uma vez o discurso é toda atividade comunicativa que se estabelece entre interlocutores e uma atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes. Ou como sintetiza novamente Bakhtin:

(...) todo enunciado, além do objeto de seu teor, sempre responde (no sentido lato da palavra), de uma forma ou de outra, a enunciados anteriores do outro. O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural). (...) O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. (Bakhtin, 1982, p. 82).

Compreende-se assim por que não se pode compreender o discurso jornalístico simplesmente a partir das noções de isenção e imparcialidade. Não há discurso neutro: todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. O jornalismo argentino, ao reforçar as formações discursivas em torno do silenciamento do adversário e da supervalorização dos elementos nacionais, dá-nos conta de uma maior emotividade no trato do fato esportivo. A imprensa francesa, por outro lado, ofereceu-nos formações discursivas distintas, mostrando grande *fair play* ao louvar o esforço de sua equipe e a maior felicidade do adversário na decisão da Copa de 2022 (não à toa, temos nas capas francesas a recorrente exaltação de que houve uma final extraordinária e lendária). O jornalismo brasileiro, mais distante das paixões nacionais envolvidas no jogo derradeiro no Catar, compartilha o estrelismo dos jogadores Messi e Mbappé, num primeiro momento, para em seguida louvar o triunfo do astro vencedor – quase numa medida mais intensa que a própria imprensa argentina. São apenas formas e conteúdos próprios de reconstruir a realidade por meio das páginas dos jornais, este espaço sublime de representação gráfica e verbal de nossa vida cotidiana.

Considerações finais

As formações discursivas que buscamos reunir a propósito da final da Copa do Mundo de 2022 reforçam o entendimento de que a subjetividade do locutor jornalístico é por vezes ampliada quando se trata de fatos ou acontecimentos extraordinários, como uma decisão futebolística global. Conforme foi possível notar nos exemplos selecionados, cada capa jornalística implica numa produção de sentido específica, que acaba por criar diferentes representações da realidade. Assim, o ofício jornalístico procura conectar os diversos objetos da realidade, realizando uma reconstrução discursiva, que não significa necessariamente desfiguração do objeto. A reconstrução jornalística implica sempre num recorte da realidade e numa interpretação subjetiva – daí o fato de as capas dos jornais terem constituído formações discursivas diversas, a partir de um mesmo acontecimento (a final do Mundial FIFA do Catar em 2022).

A questão fundamental é compreender o quanto a categoria do mediador (o jornalista, neste caso) tem função decisiva na constituição das relações discursivas: ele organiza as relações, fixa os sentidos e disciplina os conflitos. Para podermos dar conta desse mecanismo, portanto, faz-se necessário a compreensão do discurso a partir daquilo que ele não diz: em outras palavras, importa saber o que não se está falando ao se falar de alguma coisa.

Do mesmo modo, a fotografia jornalística, aparentemente ligada à objetividade do relato, frequentemente torna-se um discurso persuasivo, a partir da construção ambígua do sentido (Cf. Brait). Assim, vê-se como o texto verbal e o texto pictórico se consubstanciam, em menor ou maior grau, como formas de persuasão. A construção do discurso jornalístico evidencia, assim, as marcas de enunciação que conferem ao enunciado uma dimensão de leitura e interpretação que está além da simples transparência e opacidade do texto. A instância de produção de sentido no jornal dá-se também a partir do fato de que o seu leitor também é visto como consumidor e, por conseguinte, deve ser seduzido a partir da configuração física do jornal (objeto descartável que, pode ser manuseado livremente e que apresenta conteúdos temáticos de fácil localização).

Efetuar a leitura do discurso jornalístico é levar em consideração a perspectiva da expressão linguística em conjunto com a expressão visual, que compõem um diálogo intratextual e fazem parte de um contexto social articulador de relações. Unindo o plano de expressão textual ao plano de expressão visual, o discurso jornalístico permite assim diferentes leituras por parte do público.

Referências

Baronas, R. L. (2011). Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão. *Anais do V Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD)*, UFRGS, Porto Alegre.

Bakhtin, M. M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.

Brait, B. (2003) “A construção do sentido: um exemplo fotográfico persuasivo”, em *Revista Líbero*, Ano VI, Vol. 6, nº 11. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero.

Foucault, M. (2004). *Arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Francelino, P, F. (2005). “O conceito de formação discursiva na análise de discurso: contribuição foucaultiana para a constituição de um campo interdisciplinar do saber”. Em *Língua, Lingüística e Literatura*, UFPB, Vol. 3, número 1.

Grangeiro, C, R, P. (2005). A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux. *Anais do II Seminário de Análise do Discurso (SEAD)*, UFRGS, Porto Alegre.

Gregolin, M, do R. (2005). Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. *Anais do II Seminário de Análise do Discurso (SEAD)*, UFRGS, Porto Alegre.

Pêcheux, M. (1997). A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HACK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp.

Soares, T, B. (2018). Uma noção com dois fundadores: formação discursiva. Em *Revista Capim Dourado: Diálogos em Extensão*, Palmas, v. 1, n. 2, p. 45-64, mai.-ago.